



CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO” - CAMPUS III

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Linha de pesquisa
Transformações Econômicas e processos de Urbanização

MARIA JANAINÉ TRAJANO DE LIMA

**REFLEXOS DO DINAMISMO DAS ATIVIDADES TÊXTEIS NA CIDADE DE
SERRA DE SÃO BENTO – RN**

GUARABIRA-PB

2013

MARIA JANAINÉ TRAJANO DE LIMA

**REFLEXOS DO DINAMISMO DAS ATIVIDADES TÊXTEIS NA CIDADE DE
SERRA DE SÃO BENTO – RN**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III, enquanto requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, desenvolvido sob a orientação do Msc. Péricles Alves Batista.

GUARABIRA-PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L732r Lima, Maria Janaine Trajano de

Reflexos do dinamismo das atividades têxteis
nacidade de Serra de São Bento – RN./ Maria Janaine
Trajano de Lima. – Guarabira: UEPB, 2014.

56 f. : Il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Msc. Péricles Alves Batista.”

1. Indústria têxtil. 2. Desenvolvimento econômico – 3.
Empregabilidade. I. Título.

22.ed. CDD 910.133

MARLA JANAINÉ TRAJANO DE LIMA

**REFLEXOS DO DINAMISMO DAS ATIVIDADES TÊXTEIS NA CIDADE DE
SERRA DE SÃO BENTO – RN**

Trabalho aprovado em 06 / 12 / 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Péricles Alves Batista

**Prof. Péricles Alves Batista – Orientador
Mestre em Geografia – UFPB
Professor do Departamento de Geografia/CH/UFPB**

Francisco Fábio Dantas da Costa

**Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa – Examinador
Doutor em Geografia - UFPB
Professor do Departamento de Geografia/CH/UFPB**

Leandro Paiva do Monte Rodrigues

**Prof. Leandro Paiva do Monte Rodrigues – Examinador
Mestre em Geografia - UFPB
Professor do Departamento de Geografia/CH/UFPB**

**GUARABIRA-PB
2013**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus (força maior) por ter-me dado coragem e discernimento para chegar ao término do curso e por ter oferecido a oportunidade de conhecer pessoas tão especiais. Entre elas, estão todos os meus professores, em especial, professor Péricles Alves Batista (meu orientador) e os professores que fizeram parte da banca examinadora (Francisco Fábio Dantas da Costa e Leandro Paiva do Monte Rodrigues). Não posso deixar de falar aqui, dos meus companheiros de sala que contribuíram e ajudaram tanto quando necessitei, além das alegrias que me proporcionaram durante o período de curso.

Sou eternamente grata a minha mãe (Cicera Batista Peixoto de Lima). Sem o incentivo dela, não teria nem iniciado o meu curso de Geografia. Pois, mesmo com todas as dificuldades, pagou a inscrição do vestibular para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos, me ajudando durante os cinco anos de todas as formas possíveis.

Quero deixar aqui também os mais sinceros agradecimentos a meu marido (Leonardo Dionísio dos Santos). Afinal, ele acompanha minha história universitária desde o início, onde apoiou todas as minhas decisões e sempre esteve pronto para ajudar quando necessitei.

Como chegava muito tarde de Guarabira, e na época morava numa área distante na zona rural da cidade, não posso deixar de mencionar também nos nomes das pessoas que me acolheram em suas casas durante as noites que precisei me deslocar para a faculdade. Meus verdadeiros agradecimentos vão para: Hosana (minha cunhada), dona Iracir (amiga da família) e, Severino (meu avô materno).

Sou muito feliz com tudo que aconteceu na minha vida. Os episódios (bons e ruins) que ocorreram, ajudaram-me a crescer como ser humano capaz de ultrapassar todos os obstáculos decorrentes. Mais uma vez, muito obrigada a todos!

043- GEOGRAFIA

TÍTULO: REFLEXOS DO DINAMISMO DAS ATIVIDADES TÊXTEIS NA CIDADE DE SERRA DE SÃO BENTO – RN

AUTORA: MARIA JANAINÉ TRAJANO DE LIMA

LINHA DE PESQUISA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO

ORIENTADOR: PROF. PÉRICLES ALVES BATISTA – DG/CH/UEPB

EXAMINADORES: FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA-DG/CH/UEPB

LEANDRO PAIVA DO MONTE RODRIGUES- DG/CH/UEPB

RESUMO

O presente trabalho tratou reflexos do dinamismo econômico das atividades têxteis da cidade de Serra de São Bento- RN. Analisa o papel geral das quatro principais indústrias têxteis locais, diagnosticando como funciona cada uma e como se comportam no mercado comercial e observa igualmente, as condições de trabalho e os aspectos sócio-demográficos dos funcionários. Portanto, pretende através das potencialidades e problemas, avaliar como as indústrias têxteis se comportam perante o dinamismo municipal em relação ao desenvolvimento econômico e às propostas de empregos para os habitantes. O método aplicado nesse trabalho é considerado de natureza dialética, baseada principalmente, no materialismo histórico, onde levantamento bibliográfico e os trabalhos de campo nas fábricas têxteis deram corpo a pesquisa. Foi através da pesquisa de campo que pôde ser detalhado o histórico econômico trabalhista e também, a produtividade das fábricas têxteis do local, onde as mesmas revelam um contexto em que se mostram como “mediadoras” da situação econômica. Por fim, conclui-se que, com crescimento industrial têxtil imposto, os trabalhadores são instigados a sempre produzirem mais. Além dessa problemática, os trabalhadores ainda têm uma remuneração salarial inadequada, um local de trabalho desconfortável, pouco tempo para descanso e as longas jornadas de trabalho. Para tentar amenizar essa incógnita, é necessário que haja uma compreensão empresarial, e um novo planejamento fabril, aonde as duas partes, principalmente as dos trabalhadores, possam se beneficiar concretamente.

Palavras-chave: Indústria Têxtil. Potencialidades e problemas. Desenvolvimento econômico. Empregabilidade.

043- GEOGRAFIA

TITLE: REFLECTION OF THE DYNAMISM OF THE TEXTILE ACTIVITIES IN THE MUNICIPALITY OF SERRA DE SÃO BENTO-RN

AUTHOR: MARIA JANAINÉ TRAJANO DE LIMA

RESEARCH LINE: TRANSFORMATIONS ECONOMIC AND PROCESS OF URBANIZATION

ADVISOR: PROF. PÉRICLES ALVES BATISTA – DG/CH/UEPB

EXAMINERS: FÁBIO DANTAS DA COSTA-DG/CH/UEPB

LEANDRO PAIVA DO MONTE RODRIGUES- DG/CH/UEPB

ABSTRACT

The present work deals with the reflection of the economic dynamism of the textile activities in the municipality of Serra de São Bento-RN. It also analyzes the general role of the four principal local textile industries, making diagnoses about how each of them works and how they behave in the commercial market and observes equally the working conditions and the employee's social-demographic aspects. Therefore, it intends through these two premises (potential and problems) to consider how the textile industries behave in the face of the municipal dynamism in relation to economic development and the employment offer to the inhabitants. The method applied in this work is considered of dialectical nature, specially based on the historic materialism, where the bibliographic survey and the fieldworks gave body to the research. It was through the field research that the work economic historic and the productivity of the local textile industries could be detailed, where these industries revealed a context where they have a very important role in the economic situation. Finally, it is concluded that with the textile industrial development imposed, the evolved in the textile industry are instigated to produce more and more. Besides this, they also receive an inadequate salary payment, they have an uncomfortable workplace, a short time to take a rest and a long workload. To decrease this problem, there must be a corporate understanding comprehension and a new manufacturing planning, where the two parts, mainly the employee's, have a concrete benefit from.

Key Words: Textile industry. Potential and problems. Economic development. Employability.

Lista de Figuras

Figura 01- Localização do município de Serra de São Bento-RN.....	17
Figura 02- Vista Panorâmica do município de Serra de São Bento-RN.....	19
Figuras 03 e 04- Fachadas das lojas e confecções têxteis.....	38
Figura 05 - sala de bordagem da indústria têxtil “ <i>Daya</i> Cofecções”.....	39
Figura 06- Local de produção da indústria têxtil “ <i>Daya</i> confecções”.....	40
Figura 07 - Interior da loja “ <i>D’Cleas</i> confecções”.....	41
Figura 08- Local de produção da indústria têxtil “ <i>D’Cleas</i> confecções”.....	41
Figura 09 – Interior da loja “ <i>Marwilly</i> confecções”.....	42
Figura 10- Local de produção da indústria têxtil “ <i>Marwilly</i> confecções”.....	43
Figura 11- Local de produção da indústria têxtil“ <i>Akawã</i> confecções”.....	44

Lista de Tabelas

Tabela 01- Lavouras Permanentes do município de Serra de São Bento..... 20

Tabela 02-VTI dos estados nordestinos referentes à produção de artigos têxteis (exceto vestuário)..... 29

Tabela 03- Número de funcionários de cada indústria têxtil do município de Serra de São Bento.....47

Lista de Gráficos

Gráfico 01- Nível de renda dos funcionários das indústrias têxteis em Serra de São Bento.....	34
Gráfico 02- Situação habitacional dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento.....	35
Gráfico 03- Remuneração dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento.....	46
Gráfico 04- Faixa etária de idades dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento.....	48
Gráfico 05- Estado civil dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento.....	49
Gráfico 06- Nível de escolaridade dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento.....	51

Lista de Anexos

Entrevista com costureira de indústria de Serra de São Bento.....	56
Entrevista com vendedora de loja de indústria têxtil de Serra de São Bento.....	56
Entrevista com auxiliar de corte de indústria têxtil de Serra de São Bento.....	57
Interior de uma das lojas onde são vendidos os produtos têxteis de Serra de São Bento.....	57
Questionário com os funcionários das indústrias têxteis.....	58

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Procedimentos Metodológicos	14
3. Objetivos	15
3.1. Geral	15
3.2. Específicos	15
I. CAPÍTULO - Caracterização Geográfica da Área de Estudo: Serra de São Bento - RN	
1. Localização e Ocupação	16
2. Quadro Natural	19
3. Quadro Econômico	21
II. CAPÍTULO - Revisão da Literatura	
2.1. O dinamismo econômico da industrialização têxtil brasileira: um pequeno histórico	23
2.2. A crise da indústria têxtil brasileira no século XX	28
2.3. A indústria têxtil na Região Nordeste	30
III CAPÍTULO - A Atividade Têxtil no Município de Serra de São Bento - RN	
3.1. A dinâmica das atividades têxteis no município de Serra de São Bento	34
3.2. Histórico das fábricas têxteis de Serra de São Bento	39
3.3. O perfil sócio econômico dos trabalhadores das indústrias de confecções de Serra de São Bento	45
4. Considerações Finais	52
Referências	53

1. INTRODUÇÃO

A indústria evoluiu, tendo a tecnociência assumido um papel primordial na definição de padrões industriais têxteis a nível mundial. Em um cenário de crescente concorrência internacional, os países veem-se diante da obrigação de estimular ganhos no setor secundário da economia. “Os aumentos da produtividade devem, necessariamente, passar por um processo prévio de investimento em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), dessa forma, a empresa garante um bom desempenho no meio industrial” (GRASSI, 1997, p. 198).

Hoje é comprovado que, os empresários, especificamente os donos de fábricas têxteis, estão num longo processo de investimento para promover um maior desenvolvimento fabril. O município de Serra de São Bento-RN, não pode ficar fora do contexto industrial têxtil.

Desde os anos 90, a localidade em questão deu início ao seu processo fabril. Com a criação de quatro indústrias (*Daya* confecções, *D’Cleas* confecções, *Marwilly* confecções e *Akawâ* confecções), que ajudam na distribuição de renda para a cidade, através de empregos (formais e informais), compra de tecidos, produtos para manter a produção, entre outros.

Porém, com o crescimento das empresas fabris, também fica evidente vários fatores que dificultam o desenvolvimento industrial como, por exemplo, a falta de qualificação de mão de obra necessária, os espaços inadequados para o trabalho, o tempo insuficiente para descanso e o trabalho extra sem remuneração merecida.

Este trabalho tem o objetivo principal de analisar os reflexos do dinamismo econômico das atividades têxteis no contexto da cidade de Serra de São Bento. Além disso, verificar a importância das indústrias têxteis para a economia local; diagnosticar o desenvolvimento econômico de cada empresa formada no município; analisar os aspectos socioeconômicos dos funcionários e verificar as condições de trabalho nas indústrias têxteis.

Como ainda não existe nenhum trabalho que trata sobre as potencialidades e problemas nas indústrias têxteis de Serra de São Bento, resolvemos fazer um estudo nessa área, tendo como ponto de partida, os desempenhos (negativos e/ou positivos) das indústrias têxteis. Portanto, espera-se com esse trabalho, contribuir para a compreensão da realidade atual das indústrias têxteis locais, a partir dos objetivos delimitados anteriormente.

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos. Inicialmente, é feita uma caracterização geográfica da área de estudo, através de uma breve análise sobre a localização, o quadro natural e o histórico do município. Em seguida, inicia-se um debate teórico relacionado à industrialização têxtil brasileira, à crise desse ramo no século XX e seu desenvolvimento na Região Nordeste. Por último, mostraremos um estudo feito sobre os problemas e as potencialidades encontradas nas indústrias têxteis do município de Serra de São Bento.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi baseada em levantamentos bibliográficos e trabalhos de campo nas empresas têxteis presentes em Serra de São Bento. As referências foram coletadas junto a artigos, dados de órgãos governamentais, associações e sindicatos elaborados por autores diversos que estudam a situação da indústria têxtil, no Brasil, no Nordeste e na área da pesquisa.

O método aplicado nesse trabalho é considerado de natureza dialética, baseada principalmente, no materialismo histórico, onde se pretende fazer uma síntese de algumas concepções filosóficas, de forma bem clara, com intuito de analisar o processo de transformação e de evolução do setor têxtil do local pesquisado.

Os trabalhos de campo foram realizados no município Serra de São Bento, localizado no interior do Rio Grande do Norte, mais especificamente nas indústrias têxteis instaladas no mesmo. Nessa área durante todo o estudo, foram coletadas informações com média de trinta funcionários em relação à produção, vínculos empregatícios e a importância deste tipo de atividade econômica para a localidade.

A técnica de coleta de dados foi através de entrevista e questionário, contendo questões acerca da idade, sexo, estado civil, renda familiar, remuneração dentro da empresa, grau de escolaridade, situação habitacional, função e tempo de serviço, entre outras questões. Vale lembrar que a mesma técnica foi feita também com os donos das empresas, havendo questões acerca do tempo de duração da empresa no mercado, quantidades de funcionários e máquinas, número de peças produzidas mensalmente, etc.

Foi a partir da pesquisa de campo que pôde ser detalhado o histórico econômico trabalhista e também, a produtividade das fábricas do município. De posse do material necessário, houve a possibilidade da continuação desse estudo, através do levantamento dos indicadores econômicos e sociais dessa atividade industrial no município.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar os reflexos do dinamismo econômico das atividades têxteis no contexto da cidade de Serra de São Bento – RN.

3.2 Específicos

- Verificar a importância das indústrias têxteis para a economia da cidade de Serra de São Bento;
- Caracterizar as empresas de acordo com o espaço de trabalho, peças produzidas e o total de funcionários;
- Analisar os aspectos sócio-demográficos: idade, sexo, estado civil, situação habitacional, renda e grau de instrução dos funcionários;
- Verificar as condições de trabalho como: cargo ocupado, salário, carga horária e grau de conforto dos funcionários das indústrias têxteis da cidade.

I. CAPÍTULO- Caracterização Geográfica da Área de Estudo: Serra de São Bento- RN

Nesta parte do trabalho serão abordadas várias características geográficas e históricas básicas do município de Serra de São Bento. A localização (coordenadas geográficas e população) e ocupação (como foi sua criação), quadro natural (clima, vegetação, relevo, solo e hidrografia) e por último, o quadro econômico (histórico econômico do município).

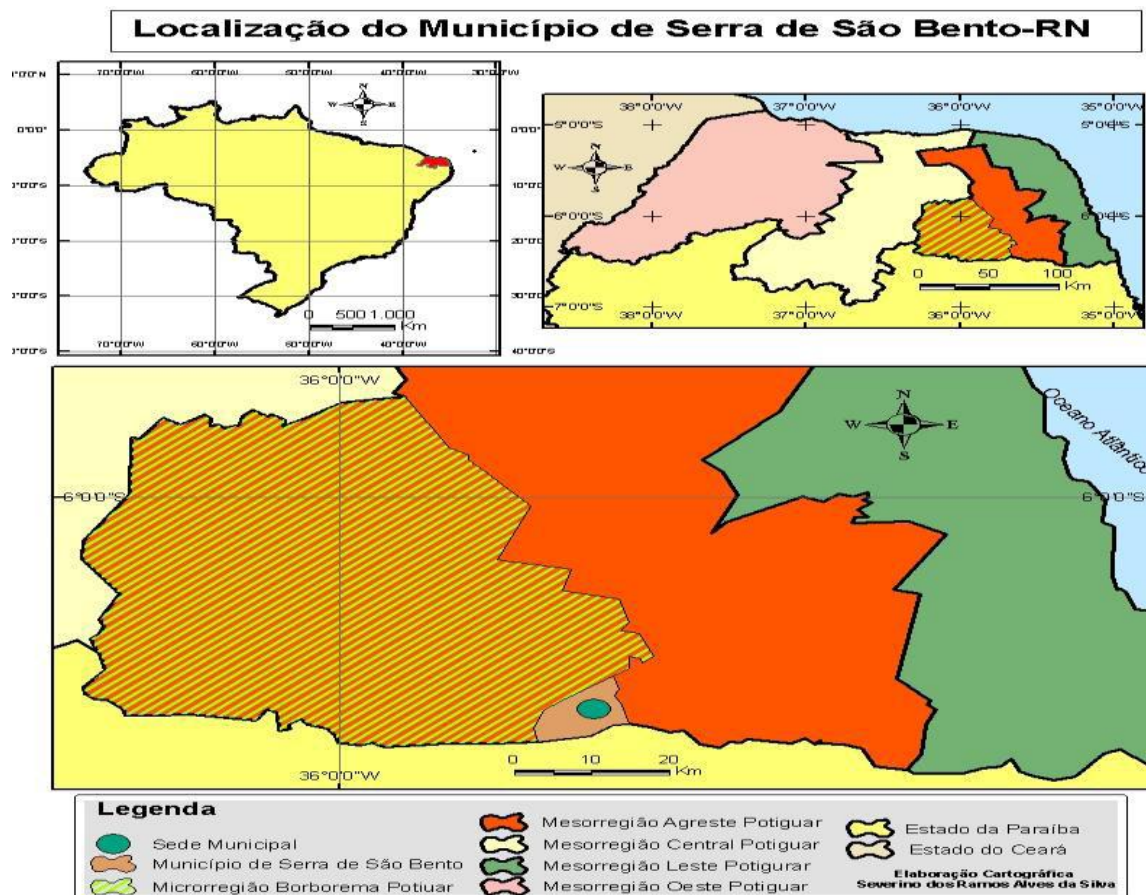
1.1 Localização e Ocupação

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010), o município de Serra de São Bento, está localizado no estado do Rio Grande do Norte, na Mesorregião Borborema Potiguar, a 131 km da capital, Natal(Figura 01). Possui um relevo característico entre 400 e 800 metros de altitude, onde predominam as serras de São Bento, do Meio e da Craibeira. Abrange uma área de 96.6 km².

Possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 6° 25' 02" Sul e Longitude: 35° 42' 16" Oeste. Sua área de unidade territorial é de aproximadamente 97 km² e equivale a 0, 18% da superfície total do estado. Possui altitude média na sede de aproximadamente de 401m, em relação ao nível médio do mar.

O município de Serra de São Bento limita-se, de acordo com Santos (2012, p. 25) “com São Jose de Campestre ao Norte, com o Estado da Paraíba ao Sul, Passa e Fica e Lagoa D’Anta ao Leste e Monte das Gameleiras ao Oeste”.

Figura 01- Localização do município de Serra de São Bento-RN



Fonte: FEITOSA, 2011, p. 11. Adaptado por: Severino R. A. da Silva.

Com o desenvolvimento histórico, o povoamento, a apropriação e fixação de grupos humanos em áreas do globo passaram a dominar a forma de relacionamento entre sociedade e o espaço (MORAES; COSTA, 1993, p.77).O município de Serra de São Bento é uma prova concreta de que desde seu início, houve um relacionamento interno entre os que nele começaram a habitar e o espaço.

Segundo dados do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA, 2008), com a instalação de famílias tradicionais que vieram desenvolver a pecuária local, atraídas pela boa qualidade das terras, localizadas na aprazível Serra do Pires, nasceu o primeiro núcleo de povoamento do município. No final do século XIII, o núcleo já contava com várias fazendas de gado e grandes lavouras.

Ainda segundo a mesma fonte, em meados do século XIX, o coronel João de Oliveira Mendes foi quem dominou a localidade. Por ser dotado de recursos e de muitas terras, gostava de ser tratado com muito respeito e espalhava pavor por causa da sua

crueldade. Segundo Santos (2012), “com o acentuado progresso que Serra do Pires (como era conhecida até então) vinha alcançando, em 1830 o povoado já contava com capela dedicada ao santo chamado São Bento, que de acordo com a religião católica, protege contra os ataques de cobra, que na época eram frequentes”.

Segundo afirma Delgado (2005, p. 94), “como deputado, João Mendes revelou sua verdadeira índole. Corrupto e violento, ele se tornou o chefe absoluto de Serra de São Bento”. Ou seja, era um homem respeitado e temido por, por causa de sua violência.

Após o falecimento do Coronel, em 1850, o frei Alberto Santa Augusta Cabral, fez um apelo à população na tentativa de acalmar os ânimos e pela pacificação, pediu que todos lançassem suas armas numa cova aberta em frente a igreja. Como todos atenderam ao apelo do frei, a vala ficou cheia de armas.

“Muitas pessoas importantes como coronéis deputados e fazendeiros vieram a Serra de São Bento entre 1797 a 1850 para conhecer as novas terras que prosperavam ali”, assim diz o Padre Normando Pignataro Delgado no livro (Nova Cruz: mito e história).

No ano de 1843, o povoado foi elevado à condição de distrito, do município de Goianinha. Tornou-se município no dia 12 de março de 1868 e ganhou sua primeira escola primária três anos depois. Porém, no dia 15 de março de 1868, voltou à condição de povoado, dessa vez pertencendo ao município de Nova Cruz, que assim permaneceu até 31 de dezembro de 1958, quando através da Lei nº 2.337, desmembrou-se, tornando-se município com o nome de Serra de São Bento. A partir daí, sua população ficou conhecida como serra-bentense (IDEMA, 2008).

Hoje, ainda segundo dados do IBGE (2010), “o município de Serra de São Bento possui uma população residente de 5.743 habitantes, sendo que 56,8% residem na zona urbana, enquanto 43,2% residem na zona rural. A população é dividida em 49,9% de homens e 50,1% de mulheres”. Um pouco mais da metade da população habita a área urbana, pelo fato de haver mais contato com os serviços prestados pela gestão municipal como saúde e educação, assim como também, ter mais contato com o comércio em geral.

1.2 Quadro Natural

O município de Serra de São Bento (Figura 02), segundo o IDEMA (2008), “possui um clima quente e semiárido, com estação chuvosa entre Março a Julho, tendo uma precipitação pluviométrica anual entre 755,2 mm e 616,4 mm”. De acordo com os dados do IBGE (2010), “a cidade possui uma umidade relativa média anual de 73%, aonde a temperatura máxima chega aos 32,0 °C, a média aos 25,6 °C e mínima 18,0 °C”.

Figura 02- Vista Panorâmica do município de Serra de São Bento



Fonte: Eduardo Pereira de Melo (29/03/2009).

Serra de São Bento é considerada uma cidade bastante aprazível devido ao clima agradável. Além de estar em alto crescimento econômico, com a criação e ampliação das fábricas têxteis, pode-se falar também do novo empreendimento de empresários que, vendo as suas belezas naturais evidenciadas através das rochas de variadas formas e tamanhos, estão investindo na divulgação e ampliação do município, promovendo inovação e empregos para os habitantes, além, é claro, do reconhecimento regional.

Ainda de acordo com os dados do Centro de Integração de Apoio Profissional (CIAP) “Serra de São Bento é dotado de temperaturas amenas no inverno, que estão

inseridos no período de abril a setembro. No verão, de dezembro a março, as temperaturas são mais quentes, porém, ainda agradáveis em relação às demais cidades vizinhas”.

Através desses dados citados acima, conclui-se que Serra de São Bento é considerada uma cidade de clima bastante agradável, tanto para os próprios moradores, como para as pessoas que vem para conhecer as belezas do município. Ainda segundo o IDEMA (2008):

A principal formação vegetal dentro e entorno do município é Caatinga (Hipoxerófila). Caracterizada como uma vegetação de clima semiárido. Entre outras espécies destacam-se a catingueira (*Poincianella Bracteosa*), angico (*Anadenanthera Colubrina*), juazeiro (*Zizyphus Joazeiro*), braúna (*Melanoxylon Brauna*), marmeleiro (*Ruprechtia Laxiflora*), mandacaru (*Cereus Jamacaru*), umbuzeiro (*Spondias Tuberosa*) e aroeira (*Schinus Terebinthifolius*) (IDEMA, 2008).

Muitas dessas árvores já não são tão visíveis na mata como antes. O desmatamento e as queimadas, praticados pela ação humana acabaram destruindo de maneira lenta algumas partes do lugar. Fazendeiros que querem lucrar com suas terras através de criação de gado ou plantio, desmatam-nas sem medir as consequências futuras.

O relevo é bastante acentuado entre 400 e 800 metros de altitude. O município está situado dentro do Planalto da Borborema, possuindo terrenos antigos formados pelas rochas Pré-Cambrianas como o granito, nesse lugar, também estão localizadas as serras e os picos mais altos (IBGE, 2010). Para o IDEMA (2008):

O município é caracterizado por rochas pertencentes ao Embasamento Cristalino, caracterizados pelos magmáticos, anfíbolitos, gnaisse, xistos, granitos, com idade Pré-cambriana média a inferior (1.100 a 2.500 milhões de anos). Já com relação à Geomorfologia, no município predominam formas tubulares de relevos, de topo plano, com diferentes ordens de grandeza e de aprofundamento de drenagem, separados geralmente por vales de fundo plano. A Hidrogeografia do município se apresenta na forma de Aquífero Cristalino, que englobam todas as rochas cristalinas. Os poços perfurados apresentam uma vazão média baixa de 3,05 m³/h e uma profundidade de até 60 m., com água comumente apresentando alto teor salino, com restrições para consumo humano e uso agrícola. Com relação à hidrologia, o município encontra-se com 50,76% do seu território inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Jacu e 49,24% na Bacia Hidrográfica do Rio Curimataú. Tem como rio principal o Calabouço e riacho principal o da Cruz. Os açudes possuem capacidade de acumulação superior a 200 000 m³. O Riacho da Cruz reserva cerca de 112 600 m³ e o da cidade com em média de 100 000 m³ (IDEMA, 2008).

Serra de São Bento é conhecida hoje como uma das mais belas da região do Rio Grande do Norte. A cidade é emoldurada por Planaltos, depressões e por lindas matas preservadas. No entanto, não precisa apenas conhecer para comprovar as afirmações aqui citadas, é preciso haver uma conscientização sobre a preservação de suas características naturais, primeiramente vinda da população e em seguida, das pessoas que vem para “desfrutar” do lugar (turistas).

1.3Quadro Econômico

Segundo os dados do IBGE (2010), a economia do município de Serra de São Bento gira em torno primeiramente da agropecuária, pois possui 691 estabelecimentos com uma média de 8.225 hectares de terras utilizadas. De acordo com Santos (2012, p. 25), “a economia está voltada principalmente para a agricultura familiar ou de subsistência”. As lavouras permanentes, ou seja, aquelas que podem ser plantadas durante todo o ano, são cultivadas por muitos moradores que residem no município, como mostra a tabela abaixo (01).

Tabela 01- Lavouras Permanentes do município de Serra de São Bento

Produto	Quantidade Produzida	Valor da Produção- R\$	Rendimento Médio Por hectare
Banana	34 Toneladas	14.000,00	17.000 kg
Castanha de Caju	2 Toneladas	2.000,00	200 kg
Coco da Baía	14 mil frutos	4.000,00	2.333 frutos
Goiaba	20 Toneladas	13.000,00	10.000 kg
Laranja	12 Toneladas	6.000,00	12.000 kg
Limão	4 Toneladas	2.000,00	4.000 kg
Manga	400 Toneladas	218.000,00	20.000 kg
Maracujá	96 Toneladas	72.000,00	12.000 kg

Fonte: Censo do IBGE (2010). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

É através dessa cultura que os moradores retiram seus alimentos para consumirem durante o ano e também geraram renda dentro da família com a venda no mercado comercial. Segundo dados do IBGE (2010), os produtos cultivados geram em média 331 mil reais, dependendo da qualidade e tamanho da terra utilizada para o plantio.

Como a chuva não ocorre durante todo o ano, os agricultores aproveitam os períodos chuvosos para colocarem em prática o plantio das lavouras temporárias (batata doce, fava, feijão, mandioca e milho). A produção agrícola temporária chega a pesar 66.448 toneladas, movimentando um capital em torno de R\$ 245.000 reais (IBGE, 2010). O valor arrecadado através do Produto Interno Bruto (PIB) chega a R\$ 19.799 reais, graças à produção agrícola, pecuária, industrial e dos serviços.

A industrialização têxtil pode ser considerada uma dentre as principais fontes de emprego e renda para a população da cidade, seja de forma direta ou indireta, pode ser considerada também o principal agente de produção e transformação do espaço em questão. É da indústria têxtil que muitas famílias retiram seu ganho mensal para saciar os gastos obrigatórios que necessitam.

As indústrias geram um valor adicional bruto de R\$ 1.612 reais, esse capital registrado é distribuído entre as empresas têxteis de acordo com o desenvolvimento econômico de cada uma no contexto municipal.

Apesar do crescimento econômico demonstrado, o município ainda é considerado pobre. Segundo o IBGE (2010) a incidência de pobreza da população serrabentense é de 51,36%, ou seja, mais da metade dos moradores vivem em uma situação econômica inferior.

O fato é que, a maior parte da renda movimentada no município permanece nas mãos de poucas pessoas, aqueles que são dotados de elevado capital. Já a menor parte da renda fica nas mãos do restante da população que são considerados a força de trabalho que detém o menor capital.

II. CAPÍTULO- Revisão de Literatura

A breve fundamentação teórica que compõe este trabalho, está composta de 3 (três) tópicos: o dinamismo econômico da indústria têxtil brasileira, a crise na indústria têxtil brasileira no século XX, e por fim, a indústria têxtil na Região Nordeste.

2.1 O dinamismo econômico da Industrialização Têxtil Brasileira: um pequeno histórico

O processo têxtil é uma prática muito antiga, pois está presente na vida do homem desde os primórdios da humanidade. O ser humano foi instigado a construir, desde o princípio, os primeiros instrumentos para tear suas iniciais vestes pela necessidade de proteger a pele do sol, frio, picadas de insetos ou qualquer outro fato.

A instalação da indústria de máquinas e equipamentos têxteis no Brasil tem origem na década de 1920, podendo ser considerada uma das primeiras indústrias mecânicas a se estabelecerem no país. Porém, a falta de proteção para a indústria nascente contra as importações de bens de capital nos governos subseqüentes dificultou o seu crescimento. “Somente a partir dos anos 1960 o setor apresentou um maior desenvolvimento, com o Estado passando a estimular a indústria nacional, através de programas de financiamento subsidiado” (GOMES; STRACHMAN; PIERONE; SILVA, 2007, p. 07).

Para Santos; Silveira (2004, p. 251) o século XX começa a conhecer as novas tendências à afirmação de uma vocação industrial que já se vinha revelando aos olhos dos estudiosos. “Primeiro a indústria se difunde em estreita relação com o tamanho das populações concentradas. É assim que ela está presente em diversos estados, como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul”. De acordo com Pereira Junior (2003, p. 69):

A industrialização brasileira é resultado, entre outros fatores, de um “afrouxamento” dos laços de submissão que atavam a economia nacional aos centros hegemônicos do capitalismo imperialista. Foi nesse momento que o país começou a passar por grandes mudanças em

seu padrão de organização econômica, porquanto a recessão mundial no “entreguerras” e o grau de capitalização gerado pelo café dinamizou o setor secundário através de um processocrescente de substituição de importação. Nascia o domínio da indústria sobre o ritmo das atividades econômicas brasileiras, uma reestruturação que gradativamente suprimia o antigo papel desempenhadopelo modelo agrário-exportador (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p. 69).

É a partir do momento entre guerras que o Brasil se viu a frente a uma nova realidade econômica, ou seja, abandonou o modelo agroexportadore procurou encontrar novos meios para se manter economicamente ativo perante os demais países. Foi a partir daí que a indústria mostrou-se como dominadora crescente, cada vez mais ganhava corpo e poder.

Para Santos (2008, p. 20), “os espaços dos países subdesenvolvidos, em que o Brasil está inserido, caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem em função de interesses distantes [...]”. Trata-se de um processo seletivo, em que pequena parte dos envolvidos beneficia-se com os efeitos do desenvolvimento. A grande maioria é considerada uma massa de pessoas com salários muito baixos e que vive de atividades ocasionais impostas pela minoria que dispõe capital e recebe praticamente todo o lucro da atividade. Seguindo essa linha de raciocínio, Saboia (2001 p. 05) afirma que:

A indústria brasileira tem passado por um forte processo de modernização e desconcentração espacial nos últimos anos. A guerra fiscal entre as várias unidades da federação, os salários mais baixos nas regiões menos desenvolvidas, a proximidade de fontes de matérias-primas e o desenvolvimento do MERCOSUL têm provocado o deslocamento da indústria em direção a diferentes regiões. Alguns estados têm se destacado, beneficiando-se do processo de descentralização industrial. Enquanto o emprego se reduz na maior parte do país, estados como o Paraná na região Sul, o Ceará no Nordeste e os vários estados da região Centro-Oeste mostram um grande dinamismo, recebendo novas empresas industriais e apresentando forte crescimento do emprego (SABOIA, 2000, p. 05).

Por outro lado, o atual modelo de crescimento econômico que envolve as indústrias brasileiras é responsável por uma distribuição de renda cada vez mais injusta. Esse processo asoiberbado que houve e ainda acontece no território nacional provoca entre outros fatores, o desemprego, devido uma empresa, por exemplo, sair do lugar para outro a procura de impostos mais baixos (dependendo da região aonde essa indústria irá se firmar) e a mão de obra barata, que no Nordeste, por exemplo, é visto de maneira bem clara.

Segundo Faria (2008, p. 03), “em 2005 o Brasil já possuía cerca de 30.000 empresas têxteis, sendo o quinto maior produtor têxtil do mundo, devido, dentre outros fatores, à sua autossuficiência na produção de algodão. Chegava a produzir 7,2 bilhões de peças por ano”. Para chegar a esse patamar de desenvolvimento industrial, as empresas se viram com a obrigação de modernizar-se constantemente e melhorar cada vez mais sua produtividade para continuarem no meio competitivo.

Segundo Viana; Rocha; Nunes (2008, p.02) “o Brasil ocupa a colocação de 5º maior produtor têxtil do mundo, no setor de vestiário e confecções, o 3º maior produtor de malha, o 5º maior produtor de confecções, o 7º maior produtor mundial de fios e filamentos e o 8º produtor mundial de tecidos”.

É um ramo que abrange diversas áreas da indústria, desde a colheita do algodão no campo que é feito através de máquinas ou mão de obra, à fiação dos tecidos, à pintura dos tecidos com corantes, até a confecção, que é tida como etapa final do processo. Nesse contexto, Moreira (1979, p.65) diz que:

O acentuado processo de industrialização na década de 50, fez com que o produto e a renda do país como um todo, crescessem e apresentassem ao longo do período índices positivos. É conveniente salientar que no contexto desse processo, dois fenômenos se acentuaram substancialmente; primeiro, a entrada de capitais estrangeiros (a partir de 1956, com o Plano de Metas) e a necessidade de expansão produtiva para ramos industriais considerados mais “dinâmicos”; e segundo, os desequilíbrios regionais, já que o processo industrial concentrava-se no centro-sul (MOREIRA, 1979, p.65).

Com os “incentivos”, ou seja, a entrada do capital estrangeiro, promovido pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek e a procura por atividades industriais mais baratas no Brasil, ocasionou-se uma aglomeração empregatícia local, que futuramente, causaria um colapso no quadro econômico do país, causado principalmente, pelas dívidas e pela falta de planejamento. A partir desse momento, os impostos e outras tarifas começaram a elevar-se de maneira bem significativa, onde prevalece até os dias atuais.

No entanto, para mostrar o acentuado crescimento desigual do ramo têxtil, vale voltar um pouco no tempo e frisar as ideias de Saboia (2000, p. 03) “O emprego industrial caiu 27,1% entre 1989 e 1998. Os estados que tiveram crescimento do emprego nesse período foi Paraná e Ceará é claro, comparando-os com os estados vizinhos”. A queda, portanto, foi bastante diferenciada, dependendo das regiões e dos

estados. Isso mostra que, igualando as regiões, aquelas onde os impostos e a mão de obra custeavam mais, o aumento no desemprego foi bem mais notável.

Por contra partida, segundo os últimos dados do IBGE (2013) “a produção têxtil continuou a nível negativo (-5,2%)”, porém, com um maior desempenho, comparados aos anos anteriores. A produção ainda não chegou a um nível positivo pela influencia da redução na produção de celulose e de tecidos de algodão, respectivamente. Isso mostra que a redução da produção de derivados produtos é um ponto fraco da indústria têxtil. Cada parte do processo tem sua particularidade e importância dentro sistema.

Além disso, para uma empresa iniciante ter um desempenho positivo no mercado, é preciso dentre diversos fatores, procurar fixar-se em lugares onde os impostos, a mão de obra, o custeio das máquinas e a compra de matéria prima sejam de certa maneira, de valores mais baixos. Afinal, não é plausível um empresário começar seus negócios no ramo têxtil, ou qualquer outro, no centro comercial de São Paulo, por exemplo. Na melhor das hipóteses, ele irá concorrer com grandes empresas que além de estarem no mercado há mais tempo, já estão habituadas com a competitividade.

Nos dias atuais, é conveniente afirmar que a industrialização está presente em todo território brasileiro, seja ela mecanizada, ou manual. Vale salientar também, o constante crescimento econômico positivo que esse setor se encontra na atualidade. “Os grandes proprietários industriais e das grandes empresas comerciais são, em razão da dimensão de suas atividades, grandes consumidores de espaço. Necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos pertinentes às suas atividades” (CORRÊA, 1991, p. 13).

Portanto, segundo as ideias de Carneiro (2008, p. 06) *apud* Santos; Silveira (2004), “o espaço humano ou o território usado joga um papel ativo no processo de inovação dessa atividade industrial”. Tanto o homem como o espaço ganha um peso importante nessa nova atividade. São eles que determinam a evolução ou decadência da indústria.

Porém, para manter esse desempenho industrial em constante crescimento, Viana; Rocha; Nunes (2008, p. 05) *apud* Freire (2000) afirma que “é preciso analisar alguns indicadores qualitativos como relacionamento com clientes e fornecedores, recursos humanos, qualidades, estratégias, técnicas, métodos e programas de gestão da produção”. Só assim, pode haver um meio competitivo entre indústrias no comércio nacional e até mesmo internacional.

Com a análise, o autor supracitado chega à conclusão que “as empresas que vendem seus produtos para o mercado nacional e externo, possuem práticas gerenciais diferentes daquelas que alcançam somente o mercado local e regional”. Ou seja, são empresas capazes de alavancar o mercado, gerando impostos e renda para suprir suas necessidades. O crescimento ocorre, principalmente, pelo fato da exploração trabalhista, que sempre estará presente nas indústrias, sejam elas de pequeno, médio ou grande porte, onde a ideia de circulação e consumo predomina. Dessa maneira, Singer (1976, p. 40) afirma que:

A indústria de países adiantados tem, em geral, as seguintes vantagens em relação às demais: escala maior de produção; mão de obra qualificada; administração mais experiente; suprimento maior de capital e, economias externas vindas de um amplo suprimento de energia (SINGER, 1976, p. 40).

Como renda per capita movimentada nesses blocos econômicos é considerada alta, a produção industrial, também tende a ser positiva. Da mesma forma, a probabilidade de ocorrer o mesmo nos países onde a economia não é tão significativa, é considerada grande. Muitos países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, possuem indústrias de altíssimo porte.

Porem, casos de abusos trabalhistas são frequentes nesse meio. Para Arruda (1993, p. 10), “no século XIX, o resplendor do progresso não oculta a questão social, caracterizada pelo recrudescimento da exploração do trabalho e das condições subumanas de vida”. É aí que as extensas jornadas de trabalho, sem direito a férias, sem garantia para a doença e invalidez, salários baixos, condições insalubres se mostram como um descaso qualquer, sem importância.

É a partir desse momento que o produto do trabalho deixa de pertencer ao operário. O capital determina e intensifica a procura do lucro, assim como também, a obtenção de tecnologias viáveis, como por exemplo, os vários tipos de matéria-prima para a produção e beneficiaria têxtil. “Cada vez mais surge novas matérias-primas, como fibra sintética, lã, seda, entre outras. Contudo, notamos que a principal matéria-prima ainda é o algodão” (ROLIM, 1997, p. 190).

O processo produtivo de inserção das fibras é descrito, de acordo com a Gazeta Mercantil (1999, p. 17), da seguinte maneira: “as fiações são transformadas em têxteis lineares denominados fios, pela descompactação, limpeza e paralelização das fibras, seguidas de torção”. É um processo longo, em que a utilização de máquinas e mão de obra é bastante intensa, para que no final, sejam obtidos os tecidos planos ou malhas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Viana; Rocha; Nunes (2008, p. 08) afirma que:

O algodão se encontra com a indústria têxtil em sua fase final, em que são encontradas as fiações para o algodão em pluma. As fiações são os elos iniciais da cadeia têxtil, que utiliza como insumos básicos tanto as fibras naturais, provenientes do algodão, quanto às fibras sintéticas, derivadas da indústria química (Viana; Rocha; Nunes, 2008, p. 08).

É através, principalmente, do algodão que dar-se início ao longo processo industrial têxtil, pois é ele considerado ainda, a principal e melhor matéria-prima utilizada na produção dos diferentes tecidos trabalhados. É dele, portanto, que resultam as mais variadas peças de excelente qualidade, por isso, os produtos finais são mais caros e conseqüentemente, menos consumidos pela população.

Com um aprimoramento na sua produção, o algodão poderá competir de igual para igual com as fibras sintéticas industrializadas que estão cada vez mais se desenvolvendo no mercado em geral. Afinal, são delas que saem as peças mais acessíveis à população, porém com qualidade menor.

2.2 A crise da Indústria Têxtil Brasileira no século XX

Foi a partir da segunda metade da década de 50 que, de acordo com as ideias de Moreira (1979, p. 67), “tanto o processo de substituição de importações, como apredominância do capital estrangeiro e acentuada incorporação de tecnologia, já formava a base para problemas futuros relacionados com a própria expansão do sistema industrial têxtil”.

Segundo a Revista BNB (2006, p. 329), “a cadeia têxtil possui três fragilidades principais que são a gestão e a qualificação de mão de obra, a obtenção de matéria-prima e a necessidade de constante renovação da tecnologia utilizada”. Uma indústria sem uma das qualificações citadas acima torna-se frágil em relação às demais que residem naquele local, podendo se tornar futuramente, dependente ou “terceirizada”, onde grande parte do lucro arrecadado será para o benefício da indústria considerada completa.

Já de acordo com as ideias de Carlos (1992, p. 30), de forma simples e objetiva, abordando a questão das relações entre a máquina e o homem, “destaca as profundas transformações que ela (a máquina) imprimiu à sociedade, a partir da Revolução Industrial Inglesa ocorrida na segunda metade do século XVIII”. Ou seja, como o

homem passou de agente ativo para passivo no processo industrial. Foi nessa fase que grande parte dos empregados nas indústrias se vira sem emprego e sem perspectivas.

Já em relação à obtenção de matéria-prima, Campos; Paula (2006, p. 593) afirmam que “a cultura do algodão foi prejudicada devido à existência de uma política agrícola específica, além das vantagens de culturas rivais, como soja e milho, que não sofreram tanto com condições macroeconômicas desfavoráveis”. No período de 1974 a 1989, segundo Abreu (2008, p. 165) a indústria num todo,

Viveu uma aparente defesa do governo e o mercado ficou fechado para importações, essa medida foi executada para amenizar as dívidas do país. Por outro lado, a política cambial reprimia o avanço tecnológico. No início da década de 90, o mercado abriu para importação, dessa forma a competitividade era maior, e em 1995 o setor nacional acabou entrando em déficit devido aos baixos custos dos produtos exportados criados pelas indústrias têxteis brasileiras (Abreu 2008, p. 165).

Com a concorrente economia do algodão hora elevada e/ou hora em declínio, muitos que cultivavam o produto acabaram perdendo o estímulo, fazendo com que acontecesse o óbvio, a falta da matéria prima no mercado para a confecção dos produtos. Pessoas que viviam do algodão viram que o mesmo era uma mercadoria de valor comercial baixo comparada as demais, por esse motivo, muitos abandonaram os plantios e/ou e iniciaram novas plantações.

Entre 1990 a 1996, de acordo com as ideias de Correia (2001, p. 28) “com a baixa alíquota de importações, as empresas brasileiras se sentiram obrigadas a investir de forma mais abrangente na modernização. A produção de bens de consumo cresceu em média 3,6%, enquanto a produção têxtil cresceu apenas 1,7%”. Quer dizer que, mesmo com a redução, o segmento têxtil foi um dos mais afetados por este processo. O setor modernizou-se, principalmente com a implantação do plano real, porém, não conseguiu acompanhar a crescente concorrência das demais áreas da economia.

A partir deste momento, foi criada uma estratégia de recuperação da competitividade da indústria nacional, várias fábricas se deslocaram para regiões em que os governos davam incentivos fiscais, investiam na infraestrutura e profissionalizam a população através de cursos para a mão de obra, com o intuito de gerar empregos para a população local.

No entanto, segundo Singer (1976, p. 208) “se o número de “braços”, ou seja, o aumento da mão de obra aumenta além da disponibilidade de terra ou de indústrias, por

exemplo, irá causar a superpopulação, significando desemprego de muitos ou subempregos de alguns”.

É cabível então, ser colocado “braços”, ou melhor, mão de obra suficientemente necessária para dar conta do trabalho dentro da indústria. Porém, cabe observar se não há excessos de trabalhadores, para não provocar futuramente desempregos ou a quebra da própria indústria. Sabe-se que dentro de uma empresa é obrigatório fazer o pagamento dos funcionários, manutenção das máquinas, compra de matéria prima entre muitos outros gastos, mesmo se no caso em questão a empresa esteja com dificuldades financeiras. Por esses motivos, é preciso ficar atento com tudo que envolve a indústria financeiramente para ter um positivo sucesso no mercado industrial.

2.3 A indústria têxtil na Região Nordeste

Para se ter uma visão geral da indústria têxtil do Nordeste, torna-se relevante visualizar a distribuição da produção dos diversos estados da Região, bem como a configuração do número de vínculos empregatícios no setor, levando em consideração o Valor de Transformação Industrial (VTI) do Nordeste onde os valores alcançados estão expressos em R\$ 1 mil como mostra a tabela (02).

Tabela 02-VTI dos estados nordestinos referentes à produção de artigos têxteis (exceto vestuário)

Estados	2001	2002	2003	2004	2005	2006
CE	400.271	634.165	532.635	598.377	467.425	471.818
BA	254.655	296.453	252.965	345.706	260.150	282.513
PB	322.082	277.813	289.819	310.564	320.529	201.727
RN	109.767	114.603	217.712	241.985	305.682	225.591
SE	88.282	115.121	141.122	174.406	147.105	171.058
PE	106.439	118.623	107.002	113.432	114.286	195.610
AL	27.232	25.005	27.469	28.138	27.969	32.666
MA	6.499	6.941	6.718	6.674	7.211	6.466
PI	2.292	1.408	1.475	4.149	4.789	5.560

Fonte: IBGE (2008)

Através dos dados colocados acima Constata-se que em relação aos produtos têxteis, a evolução foi bastante significativas a nível Brasil. Os estados do Ceará, Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte destacaram-se com os maiores valores e também se mostraram transformadores quando se fala de empregos do setor.

No entanto, segundo Viana; Rocha; Nunes (2008, p. 11) *apud* Diniz;Basques (2004) “ocorre um dilema quanto ao desenvolvimento da indústria têxtil na Região Nordeste, pois o investimento propiciado pelos incentivos fiscais prioriza o emprego, a diversificação e a orientação do mercado local”. O que prejudica, muitas vezes, a qualidade do produto final. Por outro lado, o incremento da qualidade dos produtos pode aumentar o valor salarial dos funcionários e as despesas que afetam diretamente o próprio diferencial competitivo local.

Como o Sudeste estava se desenvolvendo no ramo industrial de maneira bastante positiva, o Nordeste se viu com a necessidade de crescer economicamente para continuar ativo economicamente falando entre as regiões brasileiras. Então, de acordo com as ideias de Andrade (1987, p. 121):

Ocorreram duas fases de desenvolvimento industrial na região Nordeste: A primeira procedeu-se espontaneamente, sem planejamento e feita, sobretudo, por grupos econômicos locais, que utilizavam os capitais de que dispunham ou conseguiam mobilizar. Estava ligada, principalmente, à produção agrícola regional e resultava muitas vezes do crescimento e transformação de uma atividade artesanal. A segunda resultou de uma política de planejamento organizada e dirigida pela SUDENE, visando a transferir para o Nordeste capital de grupos econômicos nacionais e estrangeiros instalados, sobretudo no Sudeste do País. Com objetivo principal de crescer a qualidade das indústrias ali instaladas, e criar novas sedes para o aumento da produção (ANDRADE, 1987, p.121).

A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) promovida pelo Governo Federal teve como principal objetivo o desenvolvimento industrial da Região Nordeste, para tentar diminuir a desigualdade entre as regiões do país, provocada principalmente, pela concentração econômica excessiva no Sudeste.

Como as primeiras empresas têxteis nordestinas foram implantadas sem planejamento, sendo a grande maioria com pouco capital para investimentos, muitas foram extintas por aquelas que entraram no mercado com um planejamento mais acentuado vindas da região Sudeste.

“As indústrias de pequeno porte são decorrência de: 1) terem mais baixa relação capital/produto; 2) contarem mais com insumos locais; 3) tenderem mais a empregar

grupos de baixa renda e 4) servirem particularmente a mercados de baixa renda” (BNB, 1978, p.86). Algumas dessas afirmações podem parecer generalizadas, portanto, as mesmas devem estar empregadas nos casos onde se fala de indústrias de pequeno porte.

Por volta de 1970, várias críticas vieram à tona quanto à eficiência dos sistemas de incentivos fiscais, particularmente no caso do Nordeste. “A primeira dessas críticas alegava que a SUDENE, embora bem sucedida na tarefa de aumentar a produção industrial do Nordeste, havia fracassado na meta de criação de empregos” (SINMOSEN; CAMPOS, 1974, p. 141).

O Governo Federal não se preocupou com a adequação do projeto, e como já era previsto, trouxeram muitas empresas industriais para o Nordeste. Porém, faltava a mão de obra capacitada para o trabalho e/ou manuseio das máquinas, então, para que o desenvolvimento acontecesse, foi preciso trazer também a mão de obra da região Sudeste, o que prejudicou os trabalhadores nordestinos que receberam várias promessas de emprego não cumpridas vindas do governo. Assim sendo, Marx (1985, p. 401) afirma que:

“[...] como as diferentes funções do trabalhador coletivo são simples ou complexas, inferiores ou superiores, e seus órgãos, as forças individuais de trabalho exigem diferentes graus de formação, possuindo por isso valores diversos.” (MARX, 1985, p. 401).

É esse diferencial trabalhista que coloca a indústria num patamar privilegiado. Ou seja, os diferentes graus de formação e função dentro de uma indústria podem juntos ser vistos, aqui, como responsáveis pela produção, transformação e reorganização do espaço.

Ainda segundo dados do BNB (1978, p. 118), “a região chamada de POLONORDESTE constituía um conjunto de áreas específicas da Região Nordeste consideradas prioritárias para a implementação de programas de desenvolvimento”. Isso mostra que muitas áreas ainda estavam propícias para serem implantadas novas indústrias de derivadas funções, bastava apenas um incentivo maior das partes interessadas (estados, governantes e empresários). Dessa maneira pode-se concluir que, de acordo com o Banco do Nordeste (1999, p. 74):

Dentro da estratégia de recuperação da competitividade das empresas ocorreu o deslocamento regional, com a transferência de fábricas para a região nordeste e para o norte de Minas Gerais, em virtude de incentivos fiscais e menores custos com a mão de obra. Além dos incentivos fiscais, alguns governos estaduais desenvolveram programas de qualificação e de treinamento de mão de obra e

promoveram a criação de cooperativas de trabalhadores, que atuavam como subcontratados das indústrias (BANCO DO NORDESTE, 1999, p. 74).

Essa “fuga” para o Nordeste, tida como uma solução para o setor, fez com o que vários estados da região tivessem uma evolução na produção industrial têxtil na geração de renda. Podemos analisar isto, através de dados que mostram o aumento da produção em alguns estados. No nordeste, estados como Ceará, Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte são os estados que se destacam.

Nessa mesma linha de raciocínio, a relação essencial entre crescimento populacional e acumulação de capital é colocada nos seguintes termos por Singer (1976, p. 178) *apud* Robinson (1965) “Enquanto o produto marginal do trabalho excede o salário, qualquer aumento do número de trabalhadores aumenta o volume total de investimento”. Cada vez que a matéria prima tem um aumento sob o salário dos funcionários, não é cabível a contratação de novos dentro da empresa, afinal, o valor total de investimento pode ser maior do que a empresa possa suportar. Deve-se levar em conta também a defasagem entre o investimento e seu efeito sobre a produção, que varia segundo as indústrias.

O Ceará foi observado, desde as primeiras instalações de indústrias no Nordeste, como o principal polo da região, dessa forma, Viana; Rocha; Nunes (2008, p. 10) afirmam que:

A indústria têxtil do Ceará está concentrada espacialmente na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Tem cerca de 30% dos vínculos empregativos do setor na região. Concentrado na região metropolitana de Fortaleza possui a maior indústria do setor na América Latina, a Vicunha, que possui quatro de suas unidades nesta região. Apesar de também concentrar este setor na região metropolitana de Natal, o Rio Grande do Norte tem a segunda maior indústria têxtil do Brasil nesta região, as fábricas do grupo Coteminas, além de mais três unidades (duas em São Gonçalo do Amarante e uma em Macaíba), além de pequenas empresas situadas no interior do estado como a *Daya* Confecções e a *New Kin*, localizadas em Serra de São Bento e Passa e Fica (VIANA; ROCHA; NUNES, 2008, p. 10).

É nesse contexto que de acordo com Saboia (2001, p. 10) “a região nordeste aumentou sua participação no meio empregatício, chegando a alcançar 16,6% em 1998”. A Região Nordeste, apesar do menor desempenho com relação às outras regiões do Brasil, está em pleno processo de desenvolvimento industrial.

III. CAPÍTULO - A Atividade Têxtil no Município de Serra de São Bento

Antes da instalação das fábricas têxteis dentro do município de Serra de São Bento, as pessoas viviam basicamente da pecuária e da agricultura familiar. Não tinham perspectivas com relação a empregos vindos diretamente do município. Para poderem trabalhar de carteira assinada e ganhar um salário digno com todos os benefícios previstos pela legislação trabalhista (aviso prévio, décimo terceiro, férias e a taxa de 40% do FGTS), as pessoas, na maioria homens, se viam na necessidade de viajar até a capital (Natal) ou então, Região Sudeste do Brasil, especificamente Rio de Janeiro e São Paulo para poderem usufruir dos direitos trabalhistas ao assinar a carteira.

Para Carlos (2009, p. 57), “A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se construindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”. Uma cidade não é apenas uma área onde existe um aglomerado de habitantes e de pessoas, nem vive em função dos contingentes populacionais que nela habitam. É onde as pessoas vivem, sonham e podem ter toda a capacidade de crescer profissionalmente.

Foi então a partir da década de 90, que essa realidade tomou um rumo diferente. A cidade mostrou-se para os demais municípios como, por exemplo, Passa e Fica, Monte das Gameleiras, São José do Campestre, Araruna entre outros, como um ponto de partida no meio industrial têxtil, onde muitas famílias tiveram acesso ao trabalho com carteira assinada e puderam deixar de lado a vida de migração para outras cidades.

3.1A dinâmica das atividades têxteis no município de Serra de São Bento

Serra de São Bento começou sua história no meio fabril têxtil timidamente, porém, com o passar dos anos e, com o positivo crescimento desse ramo, a cidade foi crescendo, tanto no meio econômico, ou seja, gera renda para os habitantes beneficiados do município (Gráfico 01), garantindo emprego para muitas famílias que até esse momento, viviam da agricultura de subsistência.

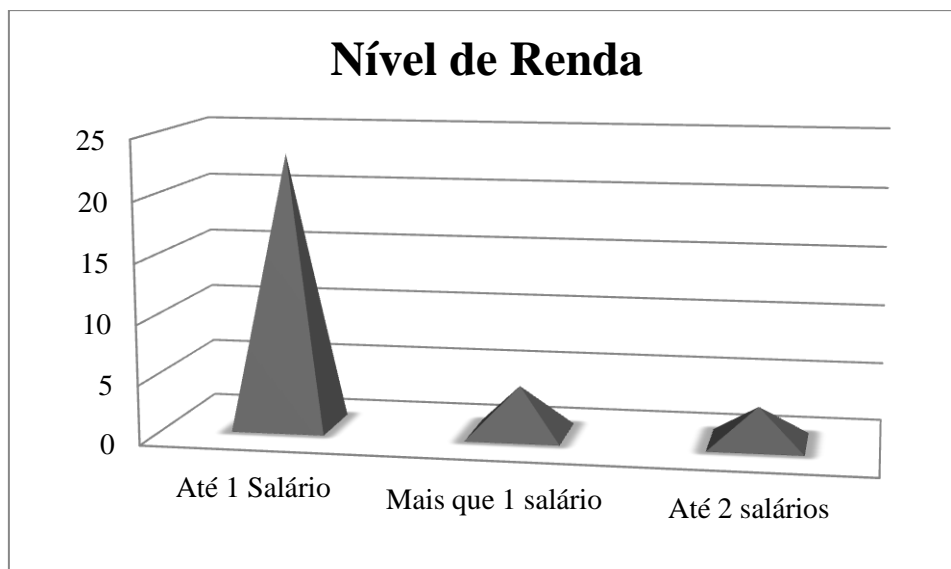
Por outro lado, as empresas que começaram a fixar-se no município, trouxeram junto com elas, o aumento dos impostos que eram considerados baixos até então. De acordo com os dados do IBGE (2010), os impostos cobrados dos produtos líquidos chegam a R\$ 825.000 reais. Com a implantação das empresas, de certa maneira, a agricultura familiar também teve um declínio, afinal, muitas pessoas que trabalhavam

neste meio deixarem suas plantações (permanentes ou temporárias) para iniciarem no novo ramo que estava se desenvolvendo.

Com o tempo o lugar vai perdendo sua identidade, inicia-se então, uma alienação com sua história. Sendo assim, Santos (1982, p. 19) afirma que “o espaço sofre os efeitos do processo: a cidade torna-se estranha à região, a própria região fica alienada, já que não produz mais para servir às necessidades reais daqueles que a habitam”. Os produtos ali criados são muitas vezes para uma realidade regional e/ou mundial.

Com promessas de emprego fixo, muitos habitantes de Serra de São Bento começaram a trabalhar nas empresas. No entanto, logo após alguns meses ou até anos de carteira assinada, alguns foram e ainda são despedidos por motivos muitas vezes fúteis, como por exemplo, discussões no local de trabalho ou até mesmo por perseguição política. Dessa maneira, a verdadeira forma das indústrias se mostra. O empresário é dono e mediador do capital. É ele que assume os riscos e retém os ganhos de um negócio que tem o lucro como objetivo, já o empregado, é considerado como receptor que muitas vezes, é mal remunerado.

Gráfico 01- Nível de renda dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

A maior parte dos trabalhadores é remunerada com o salário base que nesse caso, refere-se ao salário mínimo (R\$ 668,00), esse fato ocorre devido à maioria exercer as funções de costureiras (os) ou auxiliar de costura dentro da empresa. Mesmo sendo um salário mínimo, os funcionários se mostram satisfeitos, afinal, acham que com a remuneração recebida conseguem manter um nível adequado referente aos gastos familiares necessários no mês (conta de luz, água, gás, aluguel, etc.).

Foi a partir da instalação das primeiras empresas no município que as famílias beneficiadas, muitos sendo o primeiro emprego, começaram ter um ganho fixo e alguns conseguiram, aos poucos, com bastante planejamento, comprar através do seu trabalho, bens materiais como casa própria (Gráfico 02), meios de transportes, entre outros.

No entanto, segundo as ideias contrárias de Santos (2008, p. 256), “o consumo crescente de produtos modernos por uma população pobre faz nascer uma série de novas atividades no chamado circuito inferior da economia”. Talvez o melhor exemplo seja os das oficinas de conserto de automóveis. O carro, um desejo constante da parte de todos, é um modelo desses produtos modernos.

Gráfico 02- Situação habitacional dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano deLima).

Observa-se então que cerca de um pouco mais de 50% das pessoas entrevistadas residem em casa própria. Isso mostra que a população da cidade está tendo acesso a uma remuneração salarial fixa para poder viver com dignidade perante a sociedade. Os demais que moram de aluguel e/ou de favor, desejam comprar a casa própria através do seu trabalho.

Vale salientar aqui também que muitos trabalhadores das empresas têxteis, não são remunerados mensalmente apenas pelas indústrias. Alguns dos chefes de família (ou vice-versa) trabalham na empresa, enquanto a outra parte, ajuda com uma renda extra, conseguida muitas vezes, através da venda de produtos diversos (artesanato, cosméticos, pequenos comércios, entre outros), da criação de animais, ou até mesmo através de trabalho assalariado em outro ramo comercial. Isso ocorre pelo fato dessas pessoas não se contentarem com o salário adquirido na indústria. Para elas, a remuneração é considerada baixa, por isso, necessitam de uma renda adicional para custear os gastos familiares.

Novas possibilidades empresariais também começaram a ser vislumbradas no entorno de Serra de São Bento. Pessoas que tinham suas empresas fora do município como na capital, por exemplo, ou tinham o desejo de dar início ao seu próprio negócio, viram uma chance de crescimento econômico. Por esses motivos, nos últimos anos (2005 até os dias atuais), observou-se um aumento, não só na capacidade das empresas já fixadas, como na inauguração de novas empresas têxteis e, não podendo deixar de citar o comércio em geral, que também ajudou no desempenho empresarial da cidade.

É através das fábricas fixadas na localidade, que o município se destaca industrialmente, se tratando das demais cidades vizinhas. Pelo fato de os empresários morarem no município, esse desejo tornou-se realidade com mais força, além disso, havia muita mão de obra e o custeio da produção é bem mais corriqueiro, quando se mencionadas outras cidades mais ativas economicamente.

As fábricas e indústrias têxteis presentes em Serra de São Bento, possuem um histórico bem significativo no crescimento econômico do mesmo. Ainda de acordo com os dados do IBGE (2010), “a cidade possui 50 empresas de pequeno e médio porte (mercearias, supermercados, lojas, posto de combustível, oficinas mecânicas, entre outros). Contém em torno de 345 pessoas empregadas formalmente, além daquelas que ainda estão em fases de testes dentro das empresas”. Junto com as empresas têxteis e o comércio em geral, não se pode deixar de mencionar mais novos empreendimentos econômicos presentes no

município, que são as pousadas, chalés, bares e restaurantes, onde em conjunto, também ajudam na movimentação de capital dentro do município.

O município deu início ao seu processo fabril no início da década de 90. Atualmente a cidade dispõe de quatro indústrias legalizadas (*Daya* confecções, *D’Cleas* confecções, *Marwilly* confecções e *Akawã* confecções), que ajudam no desenvolvimento econômico da cidade, tanto através de empregos (formais e informais), como também com a compra de tecidos, produtos para manter a produção ativa, entre outros, sem mencionar as pequenas confecções de roupas que ainda estão se habituando ao processo fabril do mercado industrial (Figuras 03 e 04).

O escoamento da produção é feito tanto através da exposição e venda nas lojas como com as exportações que funcionam da seguinte maneira: pessoas que moram noutros estados ou países, levam as peças para serem comercializadas, são os (as) chamados (as) revendedores (as). É um processo comercial de muita importância, afinal, os (as) revendedores (as) não só garantem a sua renda, como também ajudam no desenvolvimento das empresas e divulgação nacional e internacional dos produtos.



Figura 03: Fachada da Loja e Confecção (Akawã)



Figura 04: Fachada da Loja e Confecção (D’Cleas)

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Todas as empresas, como podem ser mostradas nas figuras acima, funcionam da seguinte maneira, na frente ficam as lojas, onde são expostas para a venda todas as peças confeccionadas, e no fundo do prédio ficam os locais de trabalho, ou seja, onde

são produzidas as peças para a venda no comércio. A nível regional, fazendo uma breve comparação, as empresas são consideradas pequenas, pois, ainda possuem um espaço pequeno, tanto para a produção como para a venda dos seus produtos.

3.2 Histórico das fábricas têxteis de Serra de São Bento

Em 1993, a *Daya* Confecções foi inaugurada. Daí por diante a mesma foi considerada o ponto de partida para as demais indústrias entrarem no mercado (Figura 05). A empresa ganhou destaque no mercado local e se desenvolveu ao longo da década de 1990. Em 2003, foi aberta sua segunda fábrica, em Passa e Fica (cidade vizinha), onde a demanda por mão de obra qualificada abriu as portas para um processo de capacitação da comunidade por meio da realização de cursos profissionalizantes. A novidade gerou 90 empregos diretos para a cidade e ofereceu a muitos jovens uma nova oportunidade de trabalho.

Figura 05 - sala de bordagem da indústria têxtil “*Daya* Confecções”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Ao todo, de acordo com a empresária Maria das Graças Rodrigues da Silva, as duas fábricas geram 140 empregos diretos para uma capacidade produtiva de 50 mil peças por mês (figura 06). Ainda de acordo com a empresária, a fábrica ganhou esse nome em homenagem à sua filha chamada Dayane. É importante afirmar que a empresa *Daya*, além de promover um grande projeto de doação de roupas no período do natal na

cidade, faz também doações de retalhos para um presídio público de Natal, onde as presas diminuem suas penas com cada dia trabalhado na instituição penal.

Figura 06- Local de produção da indústria têxtil “*Daya confecções*”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Atualmente, as roupas *Daya* são distribuídas dentro do Brasil para os Estados de Pernambuco, Ceará, Bahia, Piauí, Pará, Amazonas, Rio Grande do Norte, Goiás, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo e, em vários países da Europa, participando de eventos nacionais e internacionais do setor, sendo reconhecida pelo SEBRAE, como voluntária com o projeto responsabilidade social e negócios.

Outra importante fonte de renda é a fábrica “*D’Cleas confecções*” (Figura 07 e 08). A mesma trabalha apenas com vestuário íntimo. No ano de 2002 a *D’cleas* foi inaugurada, permanecendo-se e ampliando-se até hoje no mercado comercial.

De acordo com a pesquisa de campo, a dona e empresária Maria Joseclea Ferreira dos Santos, sempre teve o anseio de trabalhar com moda íntima, pelo fato de ela ver a carência de empresas têxteis que trabalhassem nessa área. Foi a partir desse projeto que a empresária aprendeu a costurar e, trabalhar inicialmente na fábrica *Daya confecções*. A empresária sabia mais ou menos como funcionava o ramo que estava inserida como costureira, então, resolveu dar início ao seu próprio projeto empresarial e, criou a empresa com o seu nome.

Figura 07 - Interior da loja “D’Cleas confecções”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

A fábrica em questão emprega vinte e quatro funcionários legalizados e cinco em fase de testes. Produz cerca de 25 mil peças mensalmente, dependendo das encomendas, revendendo seus produtos no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

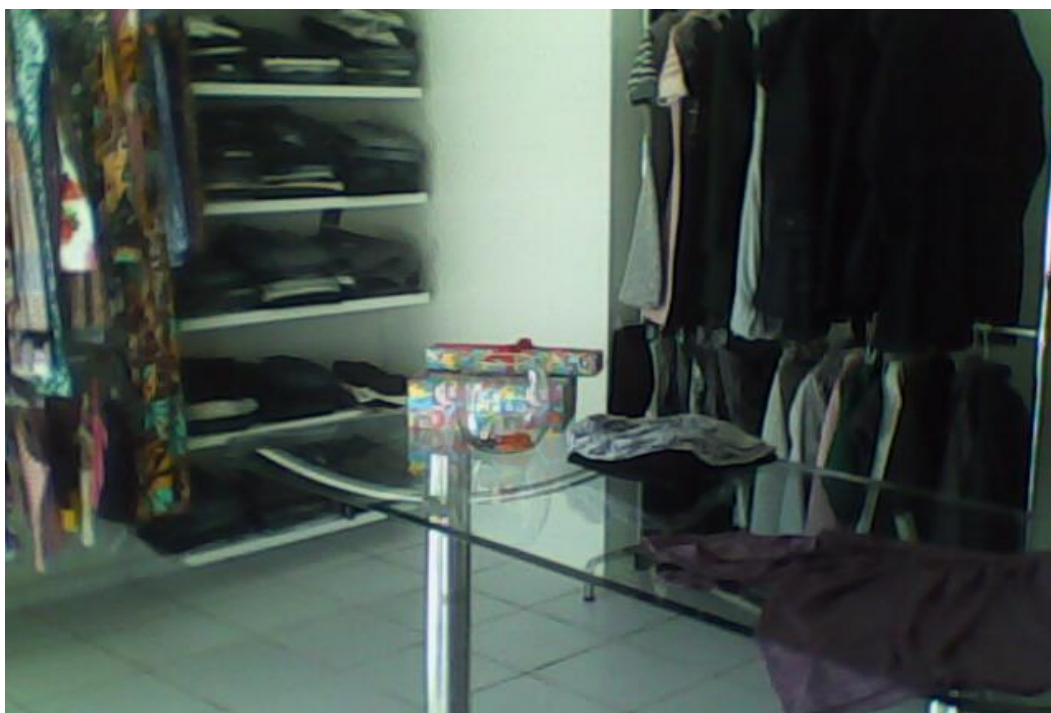
Figura 08- Local de produção da indústria têxtil “D’Cleas confecções”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Dentre as fábricas têxteis do município não pode ser deixado de falar da empresa *Marwilly* confecções. Segundo a entrevista, Giselda Maria de Freitas (dona do negócio) a mesma foi fundada em 1994, com a ajuda de sua irmã e sócia Gilelda, porém só foi legalizada em 1998 (Figura 09). Hoje, a empresa produz mensalmente mil peças, levando em consideração os diferentes tipos de encomendas feitas no mês como: fardamentos escolares, moda infanto-juvenil e adulta, ou seja, por se tratar de uma empresa pequena, produz peças de acordo com o desejo dos clientes.

Figura 09 – Interior da loja “*Marwilly* confecções”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Segundo os relatos da empresária Giselda, a *Marwilly* confecções ajuda em alguns projetos que acontecem no município, além de doar peças de roupas para a igreja e retalhos para as artesãs, gerando assim, mesmo que seja informalmente, uma cadeia produtiva local. A empresa citada possui hoje seis funcionários com carteira assinada, revendendo tanto para algumas cidades do Rio Grande do Norte como também para algumas cidades da Paraíba (Figura 10).

Figura 10- Local de produção da indústria têxtil “*Marwilly confecções*”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Fundada em 2010, a “*Akawã confecções*”, iniciou suas atividades têxteis com apenas um funcionário, o dono e micro empresário Antônio Carlos Golveia Pessoa e, duas máquinas de costura. Por ser uma empresa recente (Figura 11), hoje emprega apenas cinco funcionários, sem contar com os colaboradores (familiares do dono). Segundo o Antônio Carlos, o desejo de ter o próprio negócio iniciou desde criança, com o tempo trabalhando na primeira empresa fundada no município (*Daya confecções*), a ideia foi sendo amadurecida, então ele resolveu iniciar a sua própria empresa. Ainda segundo ele, faltam incentivos do governo para ajudar no processo de desenvolvimento têxtil no município.

O nome da empresa foi escolhido pelo dono tanto em homenagem ao seu filho que se chama Cauã, como também a um falcão chamado cientificamente de “*Herpetotheres cachinnans*” ou popularmente conhecido como: “*acaúã*”. O mesmo hoje é considerado uma ave extinta na nossa região.

Segundo o empresário, esses incentivos estão relacionados à falta de compromisso dos políticos do município, que não promovem nenhum curso para o aprimoramento dessas áreas, ou seja, da indústria têxtil e também do turismo. Afinal, são duas especialidades bem distintas, porém, de relevante importância para a economia local.

Figura 11- Local de produção da indústria têxtil “Akawã confecções”



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Foto: Maria Janaine Trajano de Lima.

Atualmente a “Akawã” fabrica mensalmente entre mil e duzentas a mil e trezentas peças para crianças, jovens e adultos, essas peças são revendidas tanto em algumas cidades do Rio Grande do Norte, como na Paraíba. Vale lembrar também que a empresa sempre faz doações de retalhos, além de doar roupas para as pessoas mais necessitadas.

As empresas fundadas no município, ainda prestaram serviços sociais por um período, através de parcerias com o Governo Federal, beneficiando alguns jovens através do programa “primeiro emprego”, dando assim, uma oportunidade às pessoas que não tiveram a chance de entrar no mercado de trabalho.

Hoje, mesmo sem o projeto “primeiro emprego”, as fábricas do município estão sempre à procura do público mais jovem, de preferência. Os donos das empresas buscam esse perfil com o intuito de melhorar a capacidade de produção, por se tratar de pessoas mais ativas e com um grau de aprendizagem em constante processo de desenvolvimento. Mas, acima de tudo, tentam com isso “prender” no trabalho aquelas pessoas que precisam realmente do salário para cobrir as despesas do lar.

Por contra partida, as empresas de certa maneira, “exploram” os trabalhadores, desde aqueles que estão na fase de experiência de três meses (que muitas vezes são mandados embora antes do previsto), até aqueles que trabalham por necessidade extrema, onde são obrigados a cumprir cargas horárias além da permitida por lei (oito horas/dia). Ainda tem aqueles que por motivos diversos, saem da empresa, esperando

receber todos os direitos trabalhistas e encontram várias dificuldades, onde muitas vezes não ficam satisfeitos com a remuneração recebida pelo ex-patrão.

3.3 O perfil sócio econômico dos trabalhadores das indústrias de confecções de Serra de São Bento

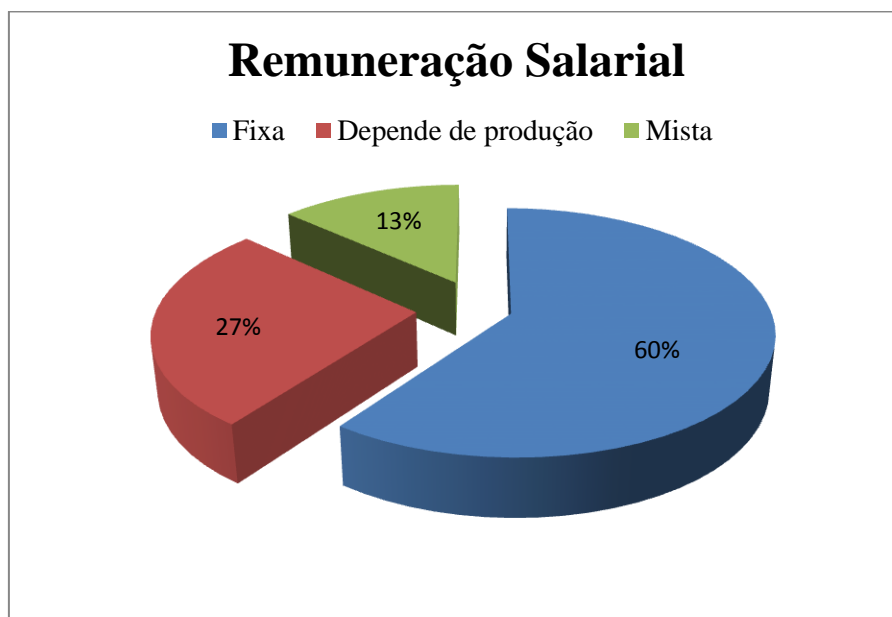
O emprego tem um papel importante na vida do homem, pois além de ser fonte de seu sustento, é onde este pode ser útil, produtivo e valorizado, tendo a sua autoestima elevada. Entretanto, “o homem é forçado a produzir sempre mais, é nesse momento que sobre condições inadequadas, a profissão pode ser nociva, prejudicando a saúde, chegando a provocar a inatividade do indivíduo” (MACIEL, 2006, p. 03).

O município de Serra de São Bento, não é diferente em relação a essa problemática, afinal o mesmo possui 04 (quatro) indústrias têxteis com características já citadas: funcionários com o salário desvalorizado, carga horária elevada, espaço inadequado para o trabalho e pouco tempo para descanso. Essas deficiências foram relatadas pelos funcionários e até mesmo pelos donos das indústrias, durante a pesquisa de campo.

Para amenizar as deficiências das indústrias seria preciso uma reavaliação dos locais onde funcionam, com intuito de pelo menos tentar melhorar as condições necessárias para um bom desempenho profissional.

As diversas dificuldades encontradas nas variadas indústrias, *in loco*, indústrias têxteis de Serra de São Bento, são uma constante na vida profissional dos trabalhadores. Os fatores de risco evidenciados no meio profissional são posturas inadequadas de ombros, coluna e pescoço; trabalho na posição em pé; repetição de movimento constante; e aspectos ambientais desfavoráveis, além, da incessante jornada de trabalho para receber seu salário do mês, sendo ele fixo, através de produção ou misto como é mostrado abaixo (Gráfico 03).

Gráfico 03- Remuneração salarial dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

Por ser considerada uma empresa privada, os trabalhadores das indústrias têxteis são impulsionados a cumprirem sua jornada de trabalho de maneira incessante, mesmo sabendo que, de acordo com o gráfico acima, a grande maioria (60%), irá receber seu salário completo no final do mês. Grande parte desses funcionários ultrapassam as jornadas de trabalho com receio de perder o emprego, afinal, o patrão pode demiti-lo alegando justa causa.

O trabalho em excesso provoca a conhecida “fadiga”, onde os operários se sentem cansados, sem ânimo para o trabalho, prejudicando assim, tanto o desempenho do funcionário dentro da empresa como também, o próprio crescimento e aprimoramento da empresa no ramo têxtil.

Dessa maneira, a empresa deve se preocupar com a saúde e opiniões dos seus funcionários constantemente, para procurar as melhores condições possíveis de trabalho para os mesmos. Afinal, investir numa boa saúde e qualidade funcional de uma empresa sempre rende lucro na sua totalidade.

Durante toda pesquisa de campo, foi difundindo-se cada vez mais, a ideia de que Serra de São Bento pode ser considerada hoje um exemplo industrial têxtil para as demais cidades circunvizinhas. As indústrias deste ramo fincada dentro do perímetro

urbano do município, junto às pequenas confecções que ainda estão no processo de legalização, promovem a movimentação de renda e capital.

As empresas fabris presentes no município tem empregado uma leva de habitantes considerável, ou seja, cerca de cento e oitenta e cinco funcionários em média, dentre eles alguns ainda estando em fase de testes (tabela 03).

Tabela 03- Número de funcionários de cada indústria têxtil do município de Serra de São Bento

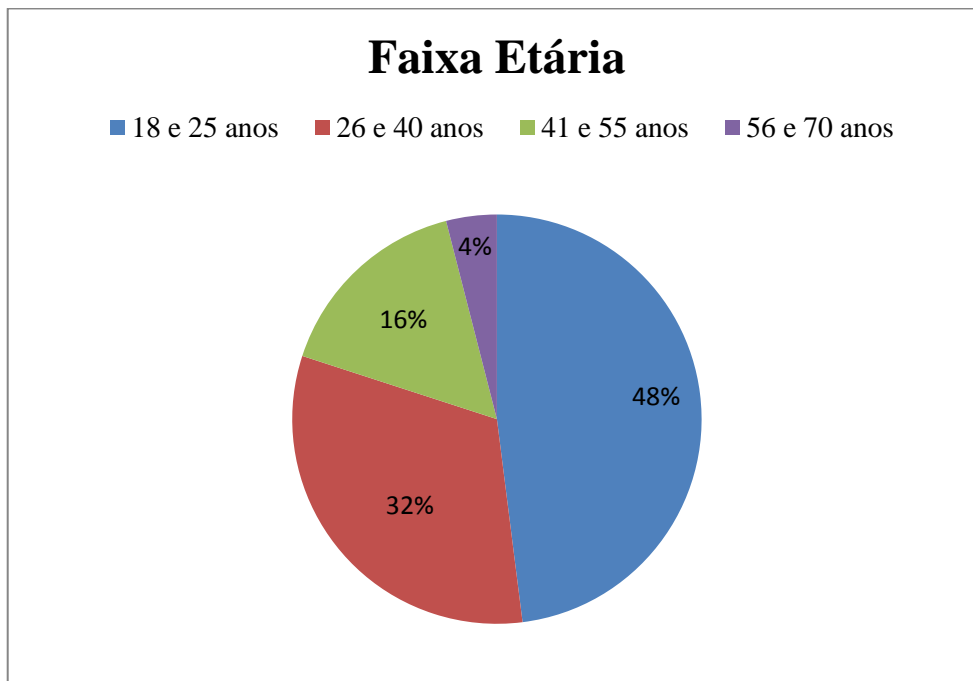
Indústria Têxtil	Número de funcionários
<i>Daya</i> Confecções	140
<i>Akawã</i> Confecções	05
<i>D'Cleas</i> Confecções	30
<i>Marwilly</i> confecções	06

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

Vale lembrar que esse número de trabalhadores pode aumentar ou diminuir, depende muito das necessidades fabris produtivas das empresas. Esse fato acontece em todas as indústrias do município. Há certos períodos do ano que é necessário contratar pessoas por um mês ou dois, no máximo, para cumprir os pedidos dos revendedores e completar o estoque da loja. Em outros períodos, alguns trabalhadores são dispensados pela falta de consumo dos produtos. É a partir daí que muitos são exonerados do trabalho e os direitos previstos por lei.

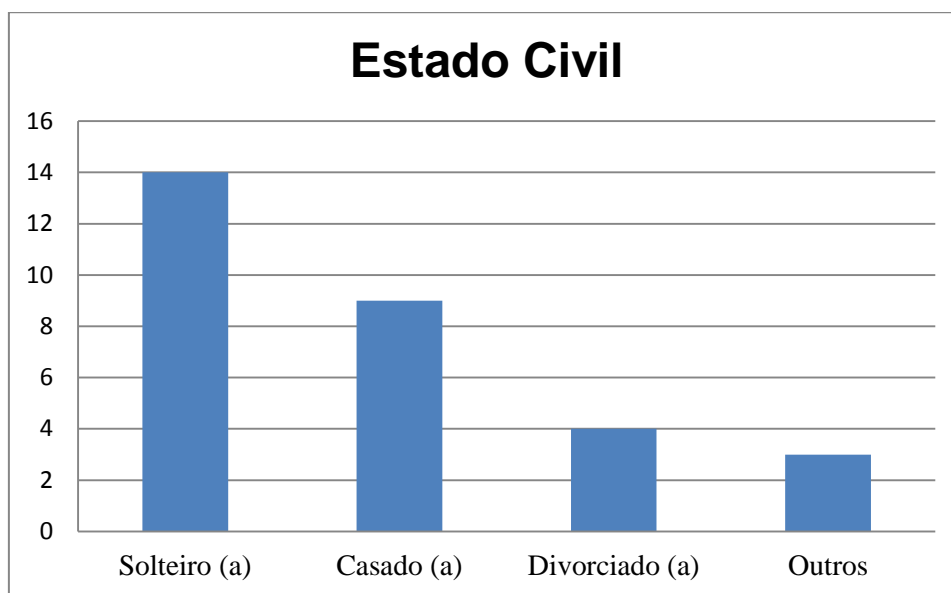
A grande maioria dos trabalhadores está numa faixa etária média, dentre os dezoito a quarenta anos. Essa atividade tem modificado historicamente e economicamente a dinâmica, não só do município estudado mais quase que igualmente nos outros municípios contíguos, cujos territórios vêm sendo ocupados aos poucos, também, por essa forma de produção industrial, assim mostra o gráfico 04.

Gráfico 04- Faixa etária de idades dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

Com o levantamento dos trabalhos, foi percebida a necessidade de renovação dos funcionários, devido ao fato da longa jornada de trabalho e melhor desempenho dos trabalhadores mais jovens. Com esses dados, 48% da faixa etária dos empregados foram diagnosticados como jovens, ou seja, possuem de dezoito a vinte e cinco anos. Além disso, a grande maioria também é de solteiros (as) como é mostrado logoabaixo (Gráfico 05).

Gráfico 05- Estado civil dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de São Bento

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

Feito um estudo mais aprofundado nessa área da pesquisa foi percebido que uma boa parte dos funcionários das empresas têxteis do município permanece no estado civil solteiro (a), porém, muitos estão em uma união instável, ou seja, moram com parceiros (as), no entanto, não são casados de acordo com as leis do matrimônio.

Como já foi falada em outras ocasiões, a industrialização têxtil do município estudado teve início desde os anos 90. Em decorrência desse fato, durante a pesquisa foi perguntado aos funcionários várias questões com relação ao meio onde os mesmos trabalham. Inicialmente, houve um pouco de receio da parte dos empresários e, posteriormente, dos funcionários, mais no decorrer do trabalho de campo, tudo foi se esclarecendo e a pesquisa foi concluída com êxito.

Quando os funcionários foram questionados com relação ao tempo de serviço prestado dentro das indústrias, houve uma gama de respostas; entre menos de um ano, referindo-se aqueles que foram remanejados de uma indústria para outra, até dezoito anos de trabalho. Esse tempo de serviço prestado depende de cada indústria e também do período de legalização de cada uma.

Ainda de acordo com a entrevista, questionei-os como aprenderam a profissão, ou seja, manusear as diferentes máquinas de costura ou qualquer outro cargo dentro da indústria. A resposta só teve duas vertentes: “aprendi na própria fábrica” e/ou “aprendi com a minha mãe, depois fui aprimorando dentro do local de trabalho”. Nesse caso,

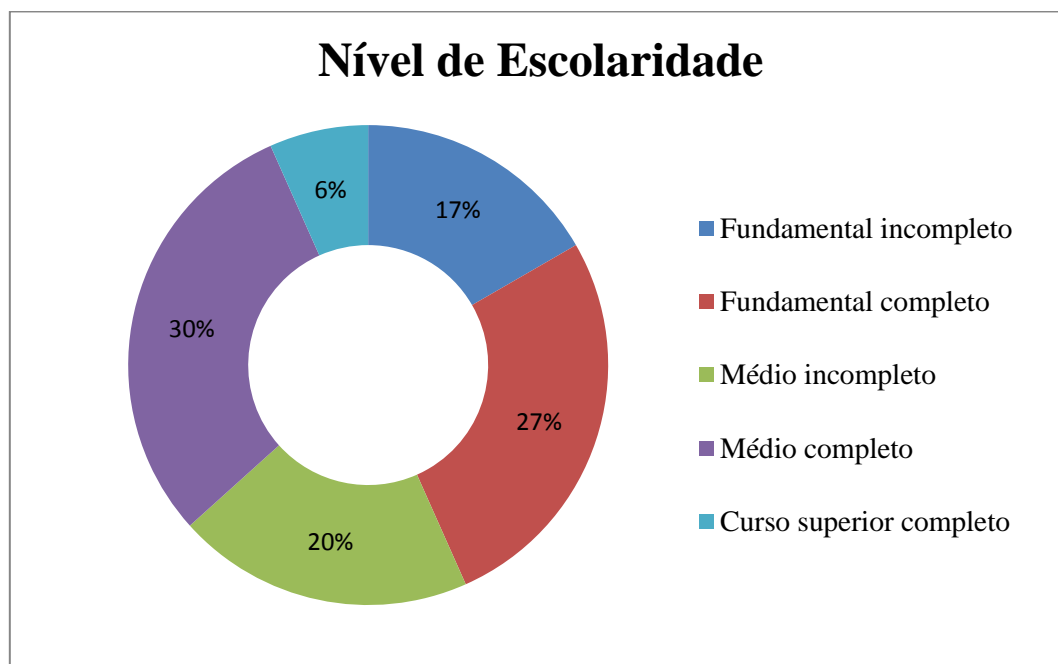
dependia do sexo, pois a maioria dos trabalhadores era do sexo feminino, ou seja, tinham mais contato com costura, antes de serem incluídos dentro da empresa, já os homens, tinham menos contato com o meio fabril têxtil, por esse motivo, a grande maioria tinha funções diferentes dentro da empresa.

Foi através dessa pesquisa que ficou explícita a carência de cursos profissionalizantes no município, não só na área da indústria como em outras fora do meio industrial. Caso houvesse cursos profissionalizantes, os trabalhadores aprimorariam suas técnicas, antes mesmo de iniciar no trabalho, melhorando assim, o desempenho dentro da indústria, beneficiando todas as partes envolvidas.

A entrevista foi feita com média de trinta funcionários. Foram coletadas informações de diversas funções nas empresas como: costureiro (a), auxiliar de costura, auxiliar de corte, supervisor (a) de controle de qualidade, auxiliar administrativo, bordador, vendedor (a). No entanto, vale mencionar o fato de uma pessoa só ter várias funções dentro da empresa, isso ocorre com aquelas de menor porte, onde não é necessário ter uma gama de funcionários para as poucas vendas e encomendas no mercado lojista.

Possuindo carteira assinada, os funcionários trabalham em torno de oito a nove horas por dia, durante cinco dias (segunda a sexta-feira), e/ou seis dias (segunda a sábado), quando há um prazo pequeno para as entregas de mercadorias que acontece, na maioria das vezes, no final do ano. Segundo relatos, todos têm direitos iguais em relação tanto aos feriados como às férias no decorrer do ano. A maior partados funcionários se mostra equilibrada em relação ao nível de escolaridade (Gráfico 06).

Gráfico 06- Nível de escolaridade dos funcionários das indústrias têxteis de Serra de SãoBento



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013). Elaboração própria (Maria Janaine Trajano de Lima)

De acordo com a pesquisa de campo, todos os funcionários tiveram acesso à escola, porém, alguns pararam no meio do caminho devido a diversos fatores diferentes que, de certa maneira, atrapalharam no histórico escolar de alguns dos trabalhadores das indústrias. Na maioria dos casos, a falta de continuidade nos estudos não interferiu no desempenho dos funcionários, apenas daqueles que visavam um cargo mais alto dentro da empresa como os cargos de auxiliar administrativo, estilista ou gerente, por exemplo.

A maioria dos entrevistados, aqueles que exercem suas funções diretas nas máquinas de costura, afirmaram que conhecem os equipamentos de proteção individual (protetores de ouvidos, luvas e tênis), porém, poucos os utilizam. “Acho desnecessário. Uso apenas o tênis porque o/a dono (a) obriga”, assim afirma um dos funcionários entrevistado.

Já em relação às condições de trabalho, a maioria mostrou-se neutra: “acho que tudo está nos padrões adequados para um bom desempenho”. Assim afirma uma vendedora. Porém, ainda teve aqueles que declararam estarem insatisfeitos com a carga horária: “não deveríamos trabalhar nos sábados, apenas de segunda a sexta-feira”. Afirma funcionária que declarou trabalhar na indústria apenas por causa da remuneração recebida. Ainda entrevistei aqueles que reclamaram do local de trabalho:

“acho o espaço pequeno. É apertado e quente, não tem como a gente se movimentar direito, gostaria de continuar trabalhando aqui por muito tempo, mas, o trabalho seria bem mais prazeroso, se tivesse mais espaço e ventilação adequada”. Assim diz uma das costureiras entrevistadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que empresas que estão em constante processo de crescimento no mercado comercial, as indústrias têxteis fincadas no município Serra de São Bento tem como principal objetivo fazer e desenvolver seus trabalhos empregatícios e acima de tudo, crescer economicamente. Estas por sua vez, são vistas perante a população, como uma das principais fontes de renda, devido o fato de haver poucas perspectivas de emprego.

Os micros e médios empresários que moram no município viram que poderiam certo o investimento deste meio fabril, desde que houvesse mão de obra para o trabalho, o que no caso, não foi problema, mesmo não sendo qualificada. Com a implantação da primeira indústria, houve um efeito multiplicador sobre a competitividade saudável da cadeia de confecções.

Porém, por consequência, iniciaram-se os problemas. Para cada vez mais conseguirem lucro, os donos das indústrias têxteis contratam trabalhadores em fase de testes. Os poucos que se fixam na empresa, iniciam um arduo trabalho, com remuneração salarial considerada baixa, pouco tempo para descanso, além das longas jornadas de trabalho, que em conjunto com inadequação das repartições físicas dos locais, ajudam no aparecimento de problemas de saúde (dores musculares, entre outros). Tudo isso foi constatado a partir das entrevistas e questionários realizados.

É facilmente observada que, para amenizar a situação em que as empresas têxteis de Serra de São Bento se encontram, seria necessário no caso, uma reeducação empresarial, para que os donos das indústrias possam reavaliar seus erros e acertos. Por outro lado, é preciso haver cursos profissionalizantes para não só os trabalhadores que estão nas indústrias, como os funcionários das demais áreas, terem conhecimento prévio dos seus direitos e deveres dentro do processo econômico municipal. Essas atitudes permitem que, quem está inserido nesse meio, não se tornem pessoas alienadas, ou seja, sem um propósito maior profissionalmente. É só a partir dessas premissas, que Serra de São Bento pode então crescer de maneira uniforme, através da industrialização têxtil.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de normas Técnicas. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos, Rio de Janeiro, 2011, 11p.

ABREU, M. C.; SILVA FILHO, J. C. L.; OLIVEIRA, B C.; HOLANDA JUNIOR, F. L. Perfis estratégicos de conduta social e ambiental: estudos na indústria têxtil nordestina. *Gestão Produtiva*. São Carlos, v. 15, n. 1, p. 159-172. 2008.

ANDRADE, M. C. de. Geografia econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987, p.121.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução a filosofia*. São Paulo. Moderna. 5. ed., 1993, p. 10.

Banco do Nordeste do Brasil-BNB. O Segmento da Malharia da Indústria Têxtil do Nordeste. *Estudos Setoriais*, Fortaleza, n.6, 1999, p.74.

_____. *Industrialização rural no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: Tomo I, 1978, p. 86-119.

CAMPOS, A. C.; PAULA, N. M. A indústria têxtil brasileira em um contexto de transformações mundiais. *Fev. Economia do Nordeste*, Fortaleza, vol. 37, nº4, p.592-608, Out-Dez. 2006.

CARLOS, A. F. A. *Espaço e indústria*. 5. ed. São Paulo: Contexto, (Repensando a Geografia) 1992, p. 30.

_____. *A cidade*. 8. ed. 2º reimpressão- São Paulo: Contexto, 2009, p. 57.

CIAP. Centro Integral de Apoio Comercial. Site visitado: <https://www.google.com.br/search?sclient=psy-ab&q=CIAP-Serra+de+S%C3%A3o+Bento&btnG=>. Acessado em: 09/11/2013.

CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*, 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 13.

CORREIA, L. F. Perfil econômico-financeiro do setor têxtil: análise de liquidez no período de 1996 a 1998. *Revista de administração*. São Paulo, v.36, n.1, 2001. p. 26-34.

DELGADO, N. P. *Nova Cruz: Mito e História*. Natal. 2005, p. 94.

DINIZ, C.C.; BASQUES, M. F. D. *A industrialização recente e suas perspectivas*. Fortaleza: BNB, 2004.

FEITOSA, M. A. M. *Agricultura familiar e turismo: perfil da base turística no município de serra de são bento/RN*. Maria Ariadiny Moreira Feitosa. Guarabira: UEPB, 2011, p. 11.

FARIA, R. *Cadeia produtiva têxtil e vestuário*. Programa TexBrasil. Palestra apresentada na Federação das Indústrias do Estado do Ceará. 03 mai, 2005. In:

Associação Brasileira de Engenharia de Produção – ABEPRO, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Vol. VIII, n. III, 2008, p.03.

FREIRE, L. L. R. Uma análise da indústria nordestina sob a ótica da competitividade empresarial. Dissertação (Mestrado em Economia). Fortaleza: CAEN/UFC, 2000.

GAZETA MERCANTIL. Panorama Setorial: fiação, tecelagem e malharia. Vol. I. São Paulo. 1999, p. 17.

GRASSI, R. A. Comentários sobre a aplicação empírica do conceito estrutural de competitividade. In: Leituras de Economia Política. Campinas, 1997, 198p.

GOMES, R.; STRACHMAN, E.; PIERONE, J. P; SILVA, A. O. Abertura comercial, internacional e competitividade: a indústria brasileira de máquinas têxteis após os anos 1990. Economia e Sociedade. Vol. 16, no. 3, Campinas Dec. 2007, p. 07.

<http://www.dayabrasil.com.br/a-fabrica>. Acessado em: 18/02/2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Censo 2010. Site visitado:<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=241330>. Acessado em: 29/05/2012.

_____. Dados 2013. Site visitado:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfregional/pim-pf-regional_201302caderno.pdf. Acessado em: 16/01/2014.

Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte(IDEMA). Censo 2008. Site visitado:
<http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socioeconomicos/enviados/perfils.asp>. Acessado em: 05/09/2012.

MACIEL, A. C. C.; FERNANDES, M. B.; MEDEIROS, L. S. Prevalência e fatores associados à sintomatologia entre profissionais da indústria têxtil. Rev. Bras. Epidemiol. v. 9, n.1, São Paulo, Mar. 2006.

MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. Geografia Crítica: a valorização do espaço. 3º edição. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 77.

MOREIRA, R. O Nordeste Brasileiro: uma política regional de industrialização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.65-67.

MARX, K. O capital. São Paulo: DIFEL. Livro I, v. 1. 1985, p. 401.

PEREIRA JUNIOR, E. A. Espaço, industrialização e acumulação capitalista: uma abordagem para o Nordeste e o Ceará. Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 04, 2003, p. 69.

ROLIM, C. F. C. Efeitos Regionais da Abertura Comercial Sobre a Cadeia Produtiva do Algodão, Têxtil, Vestuário: uma versão resumida. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 28, número especial, Julho de 1997, p. 185-206.

SABOIA, J. A dinâmica da descentralização industrial o Brasil / João Saboia.- Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Economia, 2001, p. 05-10.

_____. Desconcentração Industrial no Brasil nos Anos 90 – Um Enfoque Regional. Pesquisa e Planejamento Econômico. IPEA, v. 30, n. 1, abril de 2000, p. 03.

SANTOS, M. A. M. Estudo dos Topônimos na Geografia cultural: um olhar sobre as toponímias de Serra de São Bento-RN/ Marcos Aurélio Malaquias dos Santos. Guarabira: UEPB, 2012, p. 21-25.

SANTOS, M. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 19.

_____. SANTOS, M. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Tradução: Myrna T. Rego Viana. -2. ed., 1. reimp. –São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 20-256.

_____; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI / Milton Santos. – 12º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIMONSEN, M. H.; CAMPOS, R. O. A nova economia brasileira. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974, p. 5-39-141.

SINGER, P. I. Dinâmica populacional e desenvolvimento. 2º ed. São Paulo, HUCITEC, 1976, p. 40-208.

VIANA, F. L. E.; ROCHA, R. E. V.; NUNES, F. R. M. A indústria têxtil na Região Nordeste: Gargalos, potencialidades e desafios. Associação Brasileira de Engenharia de Produção- ABEPRO. Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Revista Produção. ISSN 1676/ vol. VII/ num. III 2008, p. 01-12.

ANEXOS

Entrevista com costureira de indústria de Serra de São Bento



Entrevista com vendedora de loja de indústria têxtil de Serra de São Bento.




Entrevista com auxiliar de corte de indústria têxtil de Serra de São Bento



Interior de loja onde são vendidos os produtos têxteis de Serra de São Bento



 <p>Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Curso: Licenciatura Plena em Geografia Centro de Humanidades - Campus III – Guarabira</p>	<p>Pesquisa:</p> <p>Pesquisador:</p> <p>Professor Orientador: Péricles Alves Batista</p> <p>Data da enquete: ____/____/____.</p>
--	---

Questionário com os Funcionários das Indústrias

- 1- Idade entre: () 18 e 25 () 26 e 40 () 41 e 55 () 56 e 70 () acima de 70
- Sexo: () Masculino () Feminino Estado civil: _____
- Município de residência: _____ Estado: _____
- 2- Estado Civil:
- () Solteiro () Casado () Divorciado () Outro
- 3- Você mora com:
- () Pais () Família () Outros
- 4- Seu nível de renda:
- () Menos que 1 salário mínimo. () 2 salários mínimos.
- () 1 salário mínimo. () Mais que dois salários mínimos.
- () Mais que um salário mínimo. () 3 Salários mínimos ou mais.
- 5- Sua remuneração é:
- Fixa () Depende da produção () Mista ()
- 6- Situação habitacional:
- () Casa Própria () Casa Alugada () Mora de Favor
- 7- Nível de escolaridade:
- () Analfabeto () Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto ()
Médio completo () Curso Superior incompleto () Curso Superior completo () Pós-Graduação
- 8- Há quanto tempo trabalha na fábrica? _____
- 9- Como aprendeu a trabalhar com confecções?
- _____
- 10- Qual sua função na fábrica? _____
- 11- Possui Carteira Assinada? _____
- 12- Quantas horas você trabalha por dia? Caso a demanda seja muito alta, você trabalha quantas horas a mais? _____
- 13- Trabalha quantos dias por semana? Tem feriado/férias? _____
- 14- Usa equipamentos de proteção individual? Em caso de não usar, por quê?
- _____
- 15- Em sua opinião, o que deveria melhorar em relação às condições de trabalho? _____
- _____